

A FICÇÃO E O POEMA:

Uma entrevista com LUIZ COSTA LIMA

Wanderson Lima*

Em *A ficção e o poema*, lançado em agosto de 2012, Luiz Costa Lima dá prosseguimento à sua indagação da *mimesis* iniciada em *Mimesis e modernidade*, de 1980, e retomada em livros como *Vida e mimesis* (1995) e *Mimesis: desafio ao pensamento* (2000). A reconsideração daquele conceito tem levado Costa Lima, ao longo de mais de três décadas, a reelaborar categorias básicas do pensamento – não apenas estético, diga-se de passagem – do Ocidente, engendrando noções conceituais e hipóteses importantes como as de *mimesis da representação* e *mimesis da produção*, *controle do imaginário*, *sujeito fraturado*, *representação-efeito* e agora, neste novo livro, o conceito de *mimesis-zero*, inicialmente sugerido ao autor por duas colaboradoras, Aline Magalhães Pinto e Laíse Araújo.

A ficção e o poema é composto por um preâmbulo – em que o autor, apoiado em Kant, Freud e René Girard desenvolve a noção de *mimesis-zero* – e três partes de maior fôlego, relativamente independentes entre si. O que vem a ser a *mimesis-zero*? Costa Lima, ao fim do preâmbulo, após passar pelas contribuições do trio há pouco citado, resume a questão: “*Mimesis-zero* equivale a dizer que não contém figuras ou linhas de força configuradas. Ela é um *como se*, isto é, algo que, *em estado de gestação*, *se for plenamente diante*, *será um objeto ficcional*. *Mimesis* sem movimento porque mera potencialidade. Enquanto potencialidade, ela é uma mancha ou nebulosa tocada pela libido. A junção entre mancha psíquica e libido significa que algo ou alguém, uma paisagem ou quem a atravessou, ali deixou uma marca que, por enquanto, provoca tão só

uma impressão, no entanto duradoura” (p. 26). Infelizmente, o potencial que a mimesis-zero abriga tende antes a se dissipar do que a se condensar em obra – isso porque à sociedade interessa mais que a tradição se confunda com um depósito de estereótipos, pois assim seus membros se tornam mais ordeiros e menos questionadores. A sensação de insuficiência de teorização da mimesis-zero é notória, mas como sabemos que cada livro de Costa Lima, pelo menos desde *Mimesis e modernidade*, retoma e aprofunda o seguinte, é quase certo que o autor retomará o problema.

Na parte I, Costa Lima se debate com Adorno e Derrida – naquele o autor brasileiro vislumbra uma proposta estética autoritária e com ressaibos teológicos que, ao exasperar o confronto da arte autônoma com a sociedade, acaba por tornar-se o reverso de uma teoria mimética da arte, ainda que o alemão tenha se ocupado com a *mimesis*; no pensador francês Costa Lima aponta, após um estudo cerrado de ensaios seminais como “La double séance” e “La mythologie blanche”, o equívoco de conceber a *mimesis* como o avatar da metafísica da presença. Contra o antirrepresentacionalismo de Derrida e a negatividade estética de Adorno com sua absoluta autonomização da arte, Costa Lima propõe, como vem fazendo desde *Mimesis: desafio ao pensamento*, que se tome a representação não como uma imagem fiel de algo prévio que se forma em um sujeito passivo, mas como o efeito da interação entre as propriedades de um objeto ou uma cena com as propriedades do sujeito (daí o uso, por parte do autor, do termo representação-efeito). Ora, essa noção de representação-efeito, que Costa Lima deve muito a Wolfgang Iser, como ele mesmo reconhece, afasta a *mimesis* da “metafísica da presença” (Derrida) sem que seja preciso admitir, como faz o filósofo francês, que o texto literário é uma deriva sem pouso, um eterno adiamento do encontro entre signo e referente.

A parte II versa essencialmente sobre a questão da poesia em Heidegger; aqui Costa Lima demonstra que o discurso do filósofo acerca da

poesia é menos demonstrativo que persuasivo (basta observar-se a linguagem nitidamente epifânica – quase uma “retórica sacra” – do pensador alemão). Assim, por exemplo, a postulação heideggeriana de que a poesia instala para o homem a morada de seu ser é nada menos que uma arbitrariedade cujo pano de fundo é a entronização do poeta, do pensador e do chefe de Estado (criadores por excelência), reduzindo as demais criaturas – técnicos, cientistas, o homem cotidiano – à condição de instrumentos para aqueles. Deve-se, ainda, ao menos sob um ponto, desconfiar-se da entronização do poeta levada a cabo pelo pensador germânico: ainda que reconheça na poesia a dignidade reflexiva, Heidegger acaba fazendo com que suas análises de poetas, especialmente de Hölderlin, seja tão só a corroboração do pensamento ... de Heidegger. Costa Lima não hesita em afirmar que “a poética proposta por Heidegger não se limitava a exaltar seus próprios filosofemas, senão que convertia a arte em porta-voz de uma Alemanha por ele mesmo privilegiada” (p. 154). Daí que o brasileiro corrobore a asserção de Lacoue-Labarthe de que a poética de Heidegger constitui, na verdade, um “nacional-esteticismo”.

Na parte III, Costa Lima busca concretizar suas teorizações a partir da análise da obra poética de quatro autores: Antonio Machado, W. H. Auden, Paul Celan e Sebastião Uchoa Leite. O ponto alto dessas análises é, sem dúvida, a parte dedicada a Celan, onde a reflexão sobre assuntos controversos como a relação entre ficção e poema, ou questão da metáfora, ou as relações entre poesia e biografia atinge píncaros de agudeza e complexidade.

Luiz Costa Lima nasceu em São Luís do Maranhão, em 1937, tendo sido levado ainda muito jovem para Recife. É professor emérito da PUC-RJ. Recebeu da Alexander von Humboldt-Stiftung (Alemanha), em 2004, o prêmio de pesquisador estrangeiro do ano, na área de Humanidades. Em 2011, a Universidade de Queensland (Austrália) realizou o colóquio “Mimesis and culture”, dedicado à sua obra. A entrevista que segue foi realizada através de correio eletrônico em setembro de 2012.

*

Wanderson Lima: O caráter interdisciplinar de suas pesquisas traz um risco evidente de afugentar leitores, já que a tônica da pesquisa universitária – por mais que se fale em interdisciplinaridade, epistemologia rizomática e coisas semelhantes – privilegia amplamente a formação do especialista. Como você lida com isso?

Luiz Costa Lima: Simplesmente, me conformo em ter poucos leitores. Por um lado, essa é uma situação difícil pois vivo sempre o risco de não mais encontrar editor. Uma maneira de evitar a frustração completa consiste em só procurar editor quando tenho o original pronto! Maneira por certo bastante arriscada. Por outro lado, contudo, é o único modo de ser honesto comigo mesmo, pois não acredito que a reflexão crítica sobre a literatura (e as artes em geral) se realize pelo *juízo* de uma determinada obra. A teoria da literatura e sua face operacional, o exercício crítico, são formas de juízo. O uso do juízo não se confunde com o estabelecimento de julgamentos. E isso por uma razão simples: todo julgamento é a aplicação de uma norma positiva. Ora, o julgamento de uma obra literária segundo normas estabelecidas só tem interesse para o leitor dócil, domesticado, obediente.

WL: Em que pontos o caráter interdisciplinar de suas pesquisas se opõem à interdisciplinaridade praticada nos Estudos Culturais?

LCL: Interdisciplinaridade nos Estudos Culturais?! Não confundamos interdisciplinaridade com amadorismo. Uma coisa, por exemplo, é utilizar elementos de uma investigação antropológica ou historiográfica, outra é supor que estarei fazendo antropologia ou historiografia.

WL: Que novas possibilidades a exploração da mimesis-zero, em *A ficção e o poema*, abre na pesquisa sobre *mimesis* em que você labora desde o início dos anos 80?

LCL: De imediato, a tematização da mimesis-zero permite-nos entender melhor porque, sendo uma capacidade humana, como já sabia Aristóteles, tão poucos sejam os produtos realizados da *mimesis* na literatura. Fora da literatura, contudo, a mimesis-zero nos permite a caracterização mais exata das manifestações da *mimesis*.

WL: A tendência da mimesis-zero é antes se dissipar do que se condensar em obra ficcional. Isto porque, se bem entendi, interessa mais à sociedade uma tradição estereotipada do que outra em movimento. Há, então, ações políticas e culturais capazes de reverter esta tendência da mimesis-zero?

LCL: Não digo de reverter, mas de diminuir o déficit dos produtos realizados. Mas como pensar em ações políticas e culturais em uma sociedade em que o valor de mercado sobrepassa todos os outros?

WL: Em *A ficção e o poema* você opta pelo contradiálogo em detrimento do diálogo, isto é, prefere o embate com teóricos que sustentaram uma concepção de *mimesis* oposta à sua (Adorno) ou execraram a *mimesis* (Derrida) a desenvolver suas afinidades com a *mimesis* de pensadores como René Girard e Paul Ricoeur. A que se deve esta opção metodológica?

LCL: Por duas razões. 1. Porque a concordância com Girard é parcial – onde ela existe, procuro mostrá-la. Isso se dá precisamente na enunciação da mimesis-zero. Quanto a Ricoeur, creio que sua concepção é menos nova do que englobante de tendências já existentes. 2. Porque é comum entre nós acreditar-se que as idéias que de nós partem já são requentadas de outras, fecundadas por algum pensador estrangeiro. Optando pelo contradiálogo,

estou dizendo: mostrem-me em que a maneira como concebo a *mimesis* já estava elaborada desde antes?

WL: É possível afirmar que, em essência, o que lhe indis põe com Adorno, Derrida e Heidegger - estudados nas partes II e III de *A ficção e o poema* - é certa visão soteriológica da arte que, em diferentes modulações, aparece no pensamento de cada um daqueles filósofos?

LCL: Não creio que seja essa a razão do afastamento. No fundo, em comum, é uma questão de linguagem, embora em cada caso com tonalidades diversas. No caso de Adorno: achar que uma argumentação filosófica é algo fora dos eixos (*out-of-joint*), porque rompida a motivação sócio-histórica que a provocou, parece-me de um determinismo mais determinista que o mais estúpido marxismo stalinista. Quanto a Derrida, pelo rebuscamento de deriva mallarmeana que aceito no poeta pelo rendimento que tem em seus poemas mas, no filósofo, se acompanha de um preciosismo rebuscado e redutor - por exemplo, na questão de a linguagem poética não conhecer referencialidade. Quanto a Heidegger: o reducionismo é de outra ordem: de todas as formas discursivas a única considerada positivamente é a filosófica. Daí, ao escrever sobre os poetas, comportar-se como se Hölderlin fosse um anunciador de... Heidegger.

WL: Uma impressão que tive, e que foi partilhada por um amigo, é que, na parte III, a passagem de Antonio Machado a W. H. Auden e deste a Paul Celan representa um desafio crescente à teorização da *mimesis*, que ainda assim chega ao máximo de lucidez e refinamento justamente ali, na refrega com a poesia hermética de Celan. Quando chegamos ao último poeta abordado, Sebastião Uchoa Leite, a sensação de desapontamento é quase incontornável. E não apenas pela brevidade do estudo – ali corajosamente justificada – mas pela desproporção entre a obra Uchoa Leite e a dos outros três poetas

estudados. Você esperava este tipo de reação de alguns leitores seus? Por que a escolha de Sebastião Uchoa Leite?

LCL: Duas respostas: (a) sim, via a abordagem dos poetas escolhidos como um desafio crescente ao entendimento da *mimesis*; (b) a obra de Sebastião é pequena, não tem o nível das figuras que pude de fato abordar. Mas é uma obra muito mais interessante do que foi possível ali comprovar. Por azar meu, está publicada – *Sebastião Uchoa Leite. Resposta ao agora*, Editorial Dobra, São Paulo – por uma editora nova, que encontra dificuldades de divulgação.

WL: Você nos lembra, a certa altura do livro, que a *mimesis* e a ficção não se restringem ao campo da arte. Há intenção da sua parte de levar suas pesquisas sobre a *mimesis* e a ficção para além desse campo?

LCL: Sim. Em livro que continuará a ser preparado no próximo ano, desenvolvo o que chamo de *mimesis* externa. Por enquanto, apenas uma versão reduzida foi apresentada, no fim do ano passado, no México. A *mimesis* externa é um fenômeno absolutamente desconhecido e, suponho, do máximo interesse. Basta dizer que envolve desde as formas de reverência até o cálculo de probabilidades.

* Poeta e ensaísta, professor de literatura da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e doutor em Literatura Comparada (UFRN). Co-edita a revista eletrônica *dEsEnrEdoS* e mantém o blog Epitáfios & Epigramas: <http://epigramaseepitafios.blogspot.com.br/>